



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS  
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

FABRÍCIO CAIXETA DOS SANTOS

O VALOR DA PESSOA HUMANA SOBRE OS SERES CRIADOS NO MUNDO  
SENSÍVEL SEGUNDO A FILOSOFIA ARISTOTÉLICO-TOMISTA

ANÁPOLIS – GO

2021



FABRÍCIO CAIXETA DOS SANTOS

O VALOR DA PESSOA HUMANA SOBRE OS SERES CRIADOS NO MUNDO  
SENSÍVEL SEGUNDO A FILOSOFIA ARISTOTÉLICO-TOMISTA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, sob orientação do prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

ANÁPOLIS – GO

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

FABRÍCIO CAIXETA DOS SANTOS

O VALOR DA PESSOA HUMANA SOBRE OS SERES CRIADOS NO MUNDO  
SENSÍVEL SEGUNDO A FILOSOFIA ARISTOTÉLICO-TOMISTA

Trabalho de conclusão do curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob a orientação do prof. Ms. Tobias Dias Goulão.

Data de aprovação:

\_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

ANÁPOLIS – GO

2021

*A Deus;*

*A Diocese de Luziânia e ao Seminário Maior Jesus Bom Pastor;*

*E a todos os amigos que me ajudaram.*

## RESUMO

A Filosofia aristotélico-tomista possui a característica de ser perene, ou seja, mesmo com o passar de tantos séculos, ela continua atual e contribuindo para a filosofia atual. Dessa forma, utilizou-se neste trabalho esta linha de pensamento filosófico para apresentar a dignidade do homem dentre todas as criaturas do mundo sensível, com base nas traduções das obras de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino disponíveis, além de comentadores dos filósofos citados e de outros filósofos que - mesmo sendo considerados de outras linhas filosóficas- possuem sua base na filosofia aqui estudada. Assim, foi possível chegar ao resultado pretendido, de que o homem é o ser mais digno no mundo sensível, uma vez que é dotado de inteligência, de vontade e, que consegue dar sentido a própria existência, diferentemente de todos os outros seres.

**Palavras-chave:** Dignidade, Pessoa, Hierarquia

## **ABSTRACT**

The philosophy Aristotelian-Thomistic has the characteristic to be perennial, in other words, even over so many centuries, it still is current and contributes for today's philosophy. In this way, this line of philosophical thought was used in this work to show the dignity of the human person among all beings created in the sensible world, based in translate works of Aristotle and Saint Thomas Aquinas available, in addition to commentators from the philosophers mentioned and other philosophers who - even being considered from other philosophical lines - have their basis in the philosophy studied here. Thus, it was possible to reach the desired result, that man is the most dignified being in the sensible world, since he is endowed with intelligence, will, and that he manages to give meaning to his own existence, unlike all other beings.

**Keywords:** Dignity, person, hierarchy

## SUMÁRIO

|             |  |    |
|-------------|--|----|
| <b>1.</b>   | 8  |    |
| <b>2.</b>   | 9  |    |
| 2.1.        | Os tipos de alma                                       | 9  |
| 2.2.        | A alma humana  | 11 |
| 2.3.        | Hierarquia dos seres e dignidade humana dada pela alma | 12 |
| <b>2.4.</b> | 14   |    |
| 2.4.1.      | O conhecimento intelectual                             | 14 |
| 2.4.2.      | A vontade  | 15 |
| 2.4.3.      | O livre arbítrio                                       | 16 |
| <b>3.</b>   | 18   |    |
| <b>4.</b>   | 20   |    |
| <b>5.</b>   | 26   |    |
| <b>6.</b>   | 27   |    |

## 1. INTRODUÇÃO

O mundo possui uma grande diversidade de criaturas, a saber, inanimadas e animadas. Restringindo as animadas, ou seja, as que possuem vida, pode-se dizer que existem as plantas, os animais e os seres humanos (ARISTÓTELES, 2018. p. 72). Esse último pode ser chamado de pessoa, de alguém, ou seja, ele possui um valor, uma singularidade, uma dignidade maior que qualquer outra criatura presente no mundo sensível. Isto é, o homem vai além das plantas e dos outros animais, uma vez que é dotado de razão e precisa dar sentido a própria existência (MONDIN, 1980. p. 60).

São Tomás de Aquino, em seus escritos, deixa claro que existe uma hierarquização em que o homem é o ser criado que possui maior valor, uma vez que é o único ser capaz de reconhecer sua própria existência, por meio do intelecto. Assim, o ser humano está no topo; seguido pelos animais; logo após, estão as plantas e por último os minerais (AQUINO, 2016a. p. 341).

Sabe-se que o homem é constituído de várias dimensões. Ele possui uma dimensão corpórea, possui uma origem, tem a capacidade de pensar, de escolher, de se relacionar, de se comunicar, de aprender. Isso mostra o quão complexo o ser humano é em relação a qualquer outra criatura (MONDIN, 1980. p. 60).

Durante sua vida, o homem precisa empenhar-se para ser aquilo que fora chamado a ser. A complexidade está e se dá nesse caminho de descobrimento de si. Diferentemente das outras criaturas que já nascem condenadas pelos seus extintos e o seu fluxo natural, o homem precisa aprender tudo, principalmente, quem ele é. Pois, se se perde a dimensão de sua humanidade e de seu processo de humanização, ele fica perdido na existência. Por isso, a importância do reto uso da razão que é capaz de fazer a pessoa humana pensar sobre a realidade e sobre si (STORK & ECHEVARRÍA, 2016. p. 22).

Na antropologia cristã, a nobreza humana se dá e se constitui pelo fato de o homem ser criado por Deus, isto é, ser sua imagem e semelhança. Com isso, o homem é um ser que além de ter um corpo que o individualiza, tem a alma, o espírito que lhe abre à uma realidade suprema, para o absoluto. Nesse sentido, *Karol Wojtyła*, na sua obra *Teologia do Corpo*, reflete a respeito do homem criado por Deus e traz esse homem como uma relação entre alma e corpo, assim como São Tomás de Aquino. Nessa perspectiva, o homem é relação. Relação que leva à integração (WOJTYLA, 2014b. p. 43).

Nos termos wojtylianos, o ser humano é a perfeita união e/ou relação entre corpo e alma. Por isso, o ser humano é capaz de compreender e de se relacionar com o mundo material e

imaterial. Em virtude disso, *Wojtyla* também mostra que o homem possui um valor superior às demais criaturas do mundo físico, pois é o homem que é capaz de cultivar e dominar a terra. Essa superioridade está inscrita na definição do ser humano e “nasce desde o princípio baseada num agir ou comportar-se tipicamente humano” (WOJTYLA, 2014b. p. 43).

Contudo, nota-se na sociedade uma desvalorização da pessoa humana. O homem, que possui um corpo, que é a primeira realidade que encontramos, e que todas as coisas convergissem para a potencialização de sua humanização tornou-se objetivado (MONDIN, 1980. p. 28). Objetivar é aviltar aquilo que há de mais importante no homem, a sua humanidade. Se o homem não é visto a partir do horizonte que lhe é próprio, sua vida e dignidade estão em risco.

Basta olharmos a sociedade e logo se vê que o próprio homem é estranho ao outro, porque se perdeu a dimensão relacional. O ser humano se constitui como tal na relação com o semelhante. Se não há relação, se o outro não é uma extensão de mim mesmo, ele se torna um estranho. Eclode a indiferença. O homem não deve olhar as pessoas como “Eles”, mas ele está inserido no meio, assim passa a ser “Nós” (MONDIN, 198. p. 156).

Se o homem já não se identifica com o seu semelhante, buscará compensação em outros lugares. Porque é inato à pessoa humana relacionar-se e se identificar com algo. Há maior atenção e maior valor direcionados a outras coisas e seres inferiores ao homem. A problemática disso é que pode ocorrer uma inversão de valores, fazendo com que, por exemplo, seres inferiores, conforme Tomás de Aquino caracteriza, tenham mais atenção, cuidado e atribuída maior dignidade do que um ser humano.

A não clareza da sua dignidade intelectual leva a pessoa humana a alienar seu processo de individuação, ao passo que coloca o outro nessa mesma cadeia de negação. Dito de outra maneira, quando um ser humano, no concurso de sua vida, não se empenha para aprimorar, potencializar suas faculdades humanas, ele se coisifica e projeta essa realidade sobre tudo. Com isso, a sua própria humanidade sai do seu horizonte original. Assim sendo, o homem se torna presa da própria negação de si. Negar a si é caminho para se rebaixar a realidades inferiores ou até mesmo se igualar a elas.

## **2. OS SERES CRIADOS E SEUS GRAUS DE PERFEIÇÃO**

Conforme fora adiantado acima, há diferentes tipos de seres criados no mundo sensível e a partir daí pode-se observar que exista uma hierarquia entre eles, ou seja, há seres superiores e inferiores. Por isso, para compreender o valor do homem, é preciso compreender os motivos pelos quais o fazem superior aos outros seres, como será explicitado a seguir.

## 2.1. Os tipos de alma

Aqui, como veremos, a alma “é o que faz com que um corpo seja aquilo que seja este corpo e não outro”. [...]. Sem alma não há corpo algum (STORK & ECHEVARRÍA, 2016. p. 28). A alma é a forma, o princípio vital do corpo.

Dentre os antigos, destacam-se Sócrates, Platão e Aristóteles. Esse último, responsável por servir de base para os estudos de Santo Tomás de Aquino, em seu Livro II sobre a alma, diz que o que diferencia o ser animado do inanimado é o viver. Esse viver pode ser demonstrado de algumas maneiras. Segundo ele, pode ser por meio do intelecto, da sensação, do movimento que pode ser local ou com um fim na nutrição, no repouso, no crescimento e na decadência. Com isso, é possível concluir que existam seres que não possuem vida, como as rochas, e seres que a possuem, como as plantas, os animais e os seres humanos (ARISTÓTELES, 2018. p. 74).

Stork e Echevarría (2005. p. 19), seguindo esse mesmo pensamento, afirmam que “os seres vivos se diferenciam dos seres inertes porque têm vida”. A afirmação é simples e óbvia, mas já dá indícios de uma importância maior dos seres vivos sobre os não vivos. E dentro desses seres vivos há graus maiores de perfeição, segundo os graus de imanência. Isso quer dizer que quanto maior for a capacidade do ser em reter-se dentro de si, maior é sua imanência e, conseqüentemente, maior sua perfeição. Por isso, ações das plantas e dos animais não são comparadas às ações humanas que são superiores. E isto se dá por conta dos diferentes graus de vida encontrados nos seres vivos.

Como já visto acima, é a alma quem diferencia os seres vivos dos não vivos e Stork e Echevarría (2005. p. 20) trazem cinco características importantes que demonstram essa diferenciação:

1. Mover-se a si próprio: o ser vivo é aquele que se move sem que haja a necessidade de um agente externo que o estimule;
2. Unidade: cada ser vivo é um. É impossível dividi-lo sem causar uma grande ruptura, diferentemente de uma pedra que ao dividi-la continuará sendo uma;
3. Imanência: trata-se uma característica que diz respeito à interiorização, uma vez que todo o ser vivo desempenha atividades em que o efeito permanece dentro de si. Como por exemplo: se alimentar, descansar, chorar, crescer. Para o ser vivo, viver é o mesmo que ser, em união, com a interioridade.
4. Autorrealização: os seres vivos possuem uma perfeição, um fim, mas para isso passam por um processo.

5. Ritmo cíclico e harmônico da vida: cujo é possível compreender a totalidade dos viventes do universo. Aqui é possível observar que o movimento se repete pelas partes, até formar um todo unitário, uma harmonia, chamada pelos clássicos de *cosmos*.

Para Aristóteles, os seres vivos são compostos por sentidos de viver que podem ser a capacidade de inteligência, o tato, o movimento e o repouso locais ou o movimento que acarreta na nutrição, e por fim o crescimento e a morte (ARISTÓTELES, 2018. p. 74). Assim, as plantas enquanto seres vivos possuem a faculdade nutritiva. Já os animais, além da faculdade nutritiva, têm em si a faculdade sensitiva. Por fim, o homem, além das duas faculdades tratadas anteriormente, possui a faculdade pensante (ARISTÓTELES, 2018. p. 76).

O homem comporta em si a vida vegetativa, animal e intelectual. Semelhantemente à planta, o homem se alimenta, cresce e se reproduz; como os animais conhece os objetos sensíveis, ao passo que tendem para eles impelidos pelo apetite sensitivo tomados de paixões e emoções. Ademais, tal qual os animais, o homem move-se a si próprio. No entanto, para que o homem chegue à sua estatura humana, é necessário que a vida vegetativa e animal esteja subordinada à razão e à vontade (ARISTÓTELES, 2018. p. 78).

No que diz respeito à alma vegetativa, sensitiva e racional, Santo Tomás (2016a. p. 521) assevera:

[...] Ora, há uma operação da alma excedente de tal modo à natureza corpórea, que nem mesmo se exerce por meio de qualquer órgão corpóreo. E tal operação é a *alma racional*. – Há outra inferior a esta, que se realiza pelo órgão, mas não por qualquer qualidade corpórea. E tal é a da *alma sensitiva*; [...]. Por fim, a operação ínfima da alma é a que exerce pelo órgão corpóreo e em virtude de qualidade corpórea. Mas ainda assim, sobreexcede a operação da natureza corpórea; pois, ao passo que as operações dos corpos procedem de um princípio exterior, tais operações procedem de um intrínseco, o que é comum a todas as operações da alma, porquanto, todo ser animado move-se, de certo modo, a si mesmo. E tal é a operação da *alma vegetativa*;

Como é possível observar, Tomás afirma a existência de três tipos de alma. Contudo, não são todos os seres que possuem essas três faculdades. A alma vegetativa é comum a todos os seres vivos, já a sensitiva somente nos homens e animais. E a alma racional somente nos seres humanos. Isso não quer dizer que o homem possui três almas, mas somente uma que contempla todas as outras duas faculdades, conforme será explicado em breve. Em outras palavras, isso mostra que para compor a alma humana e para que ela atualize suas potências são necessárias essas três faculdades.

Mounier (2004. p. 39) em sua filosofia personalista<sup>1</sup> diz que “o homem é corpo exatamente como é espírito, é integralmente corpo e integralmente espírito”. Com essa

---

<sup>1</sup> Filosofia que compreende o homem como pessoa, em sua totalidade (corpo e alma) (Mounier, 1974. p. 39)

afirmação, o personalista quer dizer que não é possível dissociar corpo e alma da pessoa humana, pois é necessário o reconhecimento e união de ambos para que haja uma pessoa.

Nesse contexto, Gardeil (2013. p. 42) explica as partições da alma segundo Santo Tomás de Aquino, que, afirma a existência de três tipos de alma:

Essa primeira divisão se refere ao princípio mais profundo da atividade psíquica, o qual se diversifica de acordo com quanto sua operação é mais ou menos afastada do corpo e de suas atividades. Assim, será possível reencontrar, de modo sucessivo: a alma racional, cuja operação não requer o exercício de nenhum órgão corporal; a alma sensitiva, que não age senão pelo meio de órgãos, mas sem que intervenham as propriedades dos elementos físicos; a alma vegetativa, enfim, que além da atividade de órgãos apropriados, supõe a dos elementos.

Claramente é possível observar que a doutrina tomista<sup>2</sup> traz essa diferenciação entre os seres, havendo uma hierarquização entre os seres vivos e colocando o homem no topo dos seres participantes do mundo sensível.

## **2.2. A alma humana**

Conforme fora dito anteriormente, Tomás traz uma concepção de dualidade do ser humano, ou seja, o homem é dotado de corpo e alma. E é a alma o “princípio primeiro da vida”, pois não cabe ao corpo ser princípio da vida, mas sim a alma, ou seja, a alma é o ato<sup>3</sup> do corpo (AQUINO, 2016a. p. 483). Santo Tomás quer dizer que a alma é subsistente, é ela quem anima o corpo do ser vivente.

Da mesma forma, Aristóteles (2018. p. 54) diz que “a alma é o ato primeiro de um corpo natural que possui vida em potência<sup>4</sup>”, isso diz respeito a todo o corpo organizado, dessa forma, inclui-se também o homem.

Segundo Étienne Gilson (1962. p. 110), filósofo especialista nas obras de Santo Tomás, o aquinate chama a alma humana de “substância<sup>5</sup> intelectual”, uma vez que a intelectualidade é o principal indício de sua espiritualidade. Como dito acima, a alma é o que dá a vida, porém ela não faz somente isso no homem, ela exerce conhecimento intelectual e conhece e por isso é uma “substância intelectual” (GILSON, 1962. p. 113).

Nas palavras de Santo Tomás sobre a alma enquanto substância intelectual, destaca-se:

---

<sup>2</sup> A filosofia tomista trabalha o homem do ponto de vista cristão, uma noção antropocêntrica que ultrapassa a visão dos gregos (cosmocêntrica). A Bíblia traz o homem como o coroamento da criação – homem feito a imagem e semelhança de Deus – e Santo Tomás consegue retirar desse homem criado por Deus suas características próprias (REALE, 2003. p. 12)

<sup>3</sup> Na filosofia aristotélico-tomista, o ato é definido como “qualquer perfeição de um sujeito” (ALVIRA et al, 2014. p. 99).

<sup>4</sup> Na filosofia aristotélico-tomista, a potência pode ser definida como “aquilo que pode receber um ato ou que já o tem” (ALVIRA et al, 2014. p. 100).

<sup>5</sup> Substância é o elemento mais importante de cada coisa. É o sujeito no qual os acidentes se apresentam e ela é subsistente, ou seja, ela é em si mesma e não em outra coisa (ALVIRA et al, 2014. p. 66).

É necessário admitir-se que o princípio da operação intelectual, a que chamamos alma do homem, é um certo princípio incorpóreo e subsistente. Pois, é manifesto, pela inteligência o homem pode conhecer a natureza de todos os corpos. [...]. Se, pois, o princípio intelectual tivesse em si a natureza de algum corpo, não poderia conhecer todos os corpos, porque cada corpo tem a mesma natureza determinada. Logo, é impossível que o princípio intelectual seja o corpo. E, semelhantemente, também é impossível que intelija por meio de órgão corpóreo, porque também a natureza determinada desse órgão corpóreo impediria o conhecimento de todos os corpos (AQUINO, 2016a. p. 483).

Com isso, nota-se, que Santo Tomás vai caracterizando a alma humana de uma forma única. Primeiro, de modo amplo: é o que dá a vida aos seres; posteriormente como operação intelectual; e, por fim, a alma como algo subsistente, ou seja, que não precisa do corpo para subsistir. Isto é, o intelecto humano não está contido em um órgão, como no cérebro, como muitos pensariam, mas está completamente ligada a alma humana. Porém, no que se refere a alma dos animais, e que Santo Tomás chama de brutos, não é subsistente, pois sendo ela uma alma sensitiva é dependente do corpo, ou seja, não tem operação própria (AQUINO, 2016a. p. 485). Isso quer dizer que quando um animal morre, tanto seu corpo quanto sua alma também morrem.

Segundo Gardiel (2013. p. 42) “nos seres de grau mais elevado, a alma superior assume as funções que resultam, por si, das almas inferiores; assim, no homem, a alma racional, única, é simultaneamente princípio da vida intelectual, da vida sensitiva e da vida vegetativa”. Isso quer dizer que o homem não possui três almas, pelo contrário, possui apenas uma alma imortal e intelectual que abrange as atividades vegetativas e sensitivas, conforme será melhor explicitado no próximo tópico.

### **2.3. Hierarquia dos seres e dignidade humana dada pela alma**

Dando continuidade nesse contexto sobre os graus de perfeição dos seres sensíveis, Stork e Echevarría (2005. p. 19), em seu livro *Fundamentos da Antropologia*, trazem uma hierarquização dos seres. Segundo eles, essa hierarquia pode ser dividida em três graus que possuem muitas diferenças entre si, e essa divisão se dá graças a alma encontrada em cada tipo de ser vivente. A primeira é a vida vegetativa que é própria das plantas. E todos os animais são superiores a elas. O segundo grau é o da vida sensível. Este grau diferencia os animais das plantas. O terceiro e último grau, é o grau da vida intelectual que é próprio do homem, ou seja, nem animais e nem plantas possuem.

Santo Tomás (2016a, p. 340) deixa clara essa hierarquia entre as criaturas sensíveis. Segundo ele “[...] nos seres naturais, vemos que as espécies são gradativamente ordenadas; assim, os compostos são mais perfeitos que os elementos, as plantas do que os minerais, os animais do que as plantas e os homens do que os outros animais”.

Ainda falando sobre os graus de importância dos seres, Tomás (2016a. p. 493) escreve que a alma é a forma<sup>6</sup> do homem, ou seja, “o princípio intelectual está unido ao corpo como forma”. E, segundo ele, há formas mais ou menos nobres. Quanto mais nobre uma forma, mais possível se perceberá “a virtude de a forma exceder a matéria elementar”. Com isso, ele diz que “a alma vegetativa é mais nobre que a forma do metal e a alma sensível, mais que a vegetativa. Ora, a alma humana é última, em nobreza das formas”. A alma humana, então, excede, graças a sua virtude, a matéria corpórea, não dependendo dela para ser. E essa virtude, Santo Tomás dá o nome de intelecto.

A partir daí, conseguimos perceber as características que fazem do homem um ser superior às outras criaturas sensíveis. Pois, tendo ele o intelecto, ele se é capaz de pensar, entender, raciocinar, sobre si e sobre o mundo, diferentemente das outras criaturas, incluindo os animais. Gardiel (2013. p. 83) diz que “acima da alma sensitiva, encontra-se no homem um grau superior de vida: o da vida intelectual”.

A respeito da diferença entre os seres sensíveis, Santo Tomás diz a respeito da alma humana:

[...] os seres animados são mais perfeitos que os inanimados; os animais, que as plantas; os homens, que os brutos; e, em cada um destes gêneros, há graus diversos. [...] a alma intelectual contém, pela sua virtude, tudo o que tem a alma sensitiva dos brutos e a nutritiva das plantas (AQUINO, 2016a. p. 498).

Desse modo, é possível compreender claramente o que Santo Tomás quer dizer no que diz respeito ao ser humano, uma vez que este possui uma alma intelectual capaz de o distinguir de todas as outras criaturas.

O homem é capaz de realizar diversas ações, porém há aquelas que Santo Tomás (TOMÁS, 2016b. p. 29) chama de “ações humanas”. E aqui há mais uma diferenciação entre os homens e os animais, pois, o homem é senhor dos seus atos graças a sua razão e vontade (que serão tratados a seguir). “Portanto, chama-se ações propriamente humanas as procedentes da vontade deliberada”. Aqui mostra a capacidade do homem raciocinar sobre algo e na sua liberdade fazer escolhas, o que é exclusivamente uma característica humana.

## **2.4. CARACTERÍSTICAS QUE DÃO MAIOR DIGNIDADE AO HOMEM**

Como já foi descrito anteriormente, o homem é um ser superior aos outros criados que fazem parte do mundo sensível. Com isso, pode-se dizer que o homem possui características

---

<sup>6</sup> São dois os elementos que constituem a essência, a saber, forma e matéria. E estes dois elementos se relacionam como ato e potência, respectivamente. A matéria e a forma são os princípios essenciais das coisas, então, o que subsiste é o composto de matéria e forma – também chamado de essência (ALVIRA et al, 2014. p. 118).

próprias, presentes somente nele e que faz com que ele seja superior às demais criaturas. Essas perfeições estão presentes na alma humana, conforme descreve Santo Tomás (2016a. p. 510): “Por onde, devemos admitir que os seres inferiores alcançam certos bens particulares e, portanto, exercem algumas poucas e determinadas operações e virtudes. Porém, o homem pode conseguir a bondade universal e perfeita, porque pode alcançar a beatitude.”

Segundo Gardeil (2013. p. 83), a vida intelectual está dividida, no aristotelismo, segundo as duas grandes correntes de atividades que são a do conhecimento e da apetência, ou seja, as duas grandes faculdades espirituais, a inteligência e a vontade, conforme serão descritas a seguir.

#### **2.4.1. O conhecimento intelectual**

A faculdade intelectual que será retratada neste tópico, abrirá caminhos para um ponto importante na filosofia medieval que é a dignidade da pessoa humana. O termo *dignidade* quer apresentar uma superioridade do homem em relação as outras criaturas presentes no mundo sensível (FERREIRA FILHO, 2016. p. 14).

A ação de entender, no mundo sensível, é algo exclusivo ao homem. Isso se dá graças a sua alma que é intelectual, ou seja, os animais não possuem razão, não são capazes de entender, conforme explica Tomás (2016a. p. 493), quando diz: “[...] só o modo ensinado por Aristóteles, a saber, que tal homem entende porque o princípio intelectual é a sua: forma”. E continua: “E isso mesmo pode ser deduzido da natureza da espécie humana. Pois, a operação de um ser indicando-lhe a natureza, e a operação própria do homem, como tal, entender; por ela transcende todos os animais”. Neste trecho, Santo Tomás evidencia que somente o homem é provido de inteligência, uma vez que isto faz parte de sua alma.

A alma intelectual – presente somente nos homens – se conhece a si mesma por si mesma (AQUINO, 2016a. p. 588). Isso mostra a capacidade do homem de saber que ele existe no mundo e tendo conhecimento de si, tem também o conhecimento dos outros seres, conforme afirma Gardeil (2013. p. 84):

[...]a inteligência tem como objeto o universal, enquanto o sentido não atinge senão o singular [...]. Em segundo lugar, a inteligência apreende objetos não sensíveis, como a ideia de verdade, por exemplo, ou a de Deus; visto que os sentidos, por sua vez, não podem se elevar acima da percepção das propriedades corporais. A inteligência, ademais, é uma faculdade que, por reflexão, pode tomar consciência de si mesma e de sua atividade; o que não é dado aos sentidos – pelo menos não no mesmo grau.

Gardeil quer dizer que possuir somente a faculdade sensitiva impossibilita que os seres cheguem ao conhecimento universal das coisas, ficando limitado somente ao conhecimento dos particulares que não são capazes de fazer com que o ser chegue ao conhecimento do que está fora de si, do que é maior que ele e até mesmo de sua própria existência.

Rousselot (1999, p. 177), comentador das obras de Santo Tomás, diz que o valor da faculdade intelectual é a capacidade de chegar ao real, além de fazer com que o homem chegue ao seu fim último, pois, ainda segundo ele, o homem é homem graças a sua razão, pois ele é capaz de agir segundo sua natureza de animal racional.

A intelectualidade do homem chega ao seu fim último quando alcança os prazeres espirituais e morais, isso significa deixar de lado os prazeres corporais, que devem ser “restringidos e ponderados”. Neste sentido, Rousselot diz:

Portanto, o valor do ato intelectual deve proporcionar-se à influência sobre a ação voluntária; neste mundo da operação prática, o que é diretamente precioso e estimável na razão é menos sua causalidade final ou exemplar que sua causalidade eficiente, se alguma se lhe deve conhecer. É ajudando a ação que a razão procede bem, trabalha para a sua própria perfeição, para ganhar-se a si mesma e a Deus (ROUSELLOT, 1999. p. 178).

Nesse sentido, o homem para alcançar uma perfeição enquanto pessoa deve buscar o bem que é a felicidade enquanto fim por meio das virtudes que o ajudará a bem agir (ROUSELLOT, 1999. p. 178).

#### **2.4.2. A vontade**

Como dito anteriormente, a vontade e a inteligência representam dois dos grandes aspectos da vida psíquica do homem. Gardeil (2013. p 164) afirma que havendo dois gêneros de potências de conhecimento, sentidos e inteligência, resultando que há dois gêneros de potência apetitiva. São elas: as potências apetitivas sensíveis que estão diretamente relacionadas com o conhecimento sensível, e a vontade, que segue o conhecimento intelectual.

Santo Tomás (2016a. p. 551) diz que a vontade é algo próprio do ser racional, pois a vontade do homem é movida a um fim, “[...] assim como o intelecto necessariamente adere aos princípios primeiros, assim a vontade adira necessariamente ao último fim, que é a beatitude”.

Segundo o então Cardeal Karol Wojtyła, o homem é dotado de uma interioridade e essa interioridade se concentra ao redor do que é verdadeiro e bom. Há no interior do homem um questionamento sobre descobrir qual a causa primeira de tudo e como ser bom e atingir a plenitude do bem. Para ele, a causa primeira de tudo está envolvida preferencialmente pelo conhecimento, enquanto que a busca pelo bem é um desejo inscrito no homem (WOJTYLA, 2016a. p. 17).

Do mesmo modo, Rousselot (1999. p. 179) afirma que a vontade humana tende ao bem geral, enquanto que a razão é a raiz da liberdade. É a inteligência que move a vontade, ou seja, o bem quando é conhecido move a vontade.

Seguindo a mesma linha de pensamento, segundo Stork e Echevarría (2005. p. 45), a vontade é uma função intelectual, ou seja, só se encontra essa função exclusivamente no homem. É o apetite da razão. Por isso, é possível dizer que a vontade não está à margem da razão, mas que as duas “caminham” juntas, uma vez que só é possível desejar aquilo que se conhece. Ainda, segundo eles (STORCK e ECHEVARRÍA, 2005. p. 123), a vontade possui três momentos: o desejo, a deliberação e a escolha.

A vontade juntamente com a inteligência tem a capacidade de fazer com que o homem busque, tenda ao amor, ao desejo, à fruição, dentre outros aspectos afetivos (GARDEIL, 2013. p. 163). E somente sendo humano, ou seja, dotado de uma alma intelectual, é capaz de possuir uma afetividade.

### **2.4.3. O livre arbítrio**

Santo Tomás (2016a. p. 401) diz que dentre os seres do mundo sensível, o homem é o único que possui a característica do livre arbítrio, pois somente ele é dotado de razão para tal ação, enquanto que os animais agem pelo instinto e os seres não viventes que são movidos por outros:

Certos seres há que não agem com livre arbítrio, mas quase levados e movidos por outros; assim, a seta é movida ao fim pelo arqueiro. Outros, porém, agem como certo arbítrio, mas que não é livre, como os animais irracionais; assim, a ovelha foge do lobo, em virtude de um juízo pelo qual o julga nocivo a si, sem esse juízo ser livre, mas insito naturalmente. Por onde, só o ser inteligente pode agir com livre juízo, conhecendo a noção universal do bem, pela qual poderá julgar boa tal e tal coisa. Por isso, onde haver intelecto, haverá livre arbítrio (Santo Tomás, 2016a. p. 401).

Essa liberdade não é apenas uma liberdade física, pela qual o homem pode se mover corporalmente; nem uma liberdade civil, em que o homem pode agir como quer no seio da sociedade, ou seja, não é apenas uma ausência de constrangimento, mas pode ser dita como uma liberdade psicológica em que o homem tem a liberdade de se colocar em ação ou não ação, ou querer uma coisa ou outra (GARDEIL, 2013. p. 172). O ato livre do homem existe graças à sua razão, ou seja, não há liberdade nos animais, pois, eles agem conforme os seus instintos (GARDEIL, 2013. p. 175).

A pessoa humana é dotada de uma natureza substancialmente diferente da natureza dos animais. Nessa natureza há a faculdade de autodeterminação que se baseia na reflexão, pois é por isso que o homem é capaz de escolher o que fazer ao agir e isso se dá graças ao seu livre arbítrio (WOJTYLA, 2016a. p. 18).

Segundo Stork e Echevarría (2005. p. 123), o homem é um ser livre e sua liberdade está presente em todos os atos da pessoa humana. Mas a liberdade está apoiada principalmente no exercício da vontade. Isso mostra a capacidade do homem em poder ter a liberdade de fazer o

que se quer, tanto coisas moralmente boas, quanto moralmente ruins. E isso se dá não por um instinto, mas por conta da sua capacidade de desejar algo, deliberar e escolher o que se quer.

Por isso, pode-se afirmar que o homem é capaz de fazer juízo sobre todas as coisas que o impelem, uma vez que o intelecto é subordinado à liberdade. Isso significa que o homem, sendo livre, é capaz de julgar sobre si e sobre o que está fora de si. E essa condição é própria do ser humano, ou seja, não fazem parte da natureza dos animais irracionais, que estão subordinados aos instintos, conforme descreve Rousselot:

Os seres vivos inferiores têm “muito poucas ações”; um pequeno número de imaginações inatas basta para fazê-los reagir [...]. nos brutos superiores, observa-se algo como “uma certa liberdade condicionada” [...]. Mas, porque seu juízo é determinado a ser este ou aquele, sua tendência e sua ação são igualmente determinadas; necessariamente a percepção ou a emoção excita neles a fuga ou a perseguição [...] “Como eles ignoram a razão de seu raciocínio, não o julgam, e por isso não são causa da sentença que dão, e o livre arbítrio neles não existe”. E, sempre porque a transparência da razão lhes falta, “esse juízo que tem não se estende a todos os seres, como o juízo racional” (ROUSELOT, 1999. p. 182).

Com isso, nota-se a que por mais que exista, dentro do reino animal, animais mais superiores que outros, não se pode afirmar que esses animais superiores também não possuem livre arbítrio, não possuem liberdade, são movidos pelos instintos.

### **3. O HOMEM ENQUANTO PESSOA**

Definidos os tipos de alma, bem como a posição superior que a alma intelectiva dá ao homem, vamos agora compreender o que Santo Tomás quer dizer quando chama o homem de *pessoa*.

A palavra *pessoa*, na origem grega, era chamada de *prosopa* (máscara) e também chamada de *personare* (ressoar), que faz referência ao tipo de máscara utilizada pelos atores da Grécia naquele período. Mas Santo Tomás não utiliza dessa expressão como os gregos, ele vai além, diz que *pessoa* é aquilo que há de mais perfeito na natureza – aquela que subsiste em uma natureza racional (FERREIRA FILHO, 2016. p. 59).

Quando Santo Tomás se refere a Deus como *pessoa*, ele quer dizer que é alguém que é constituída de dignidade: “[...] donde, como se devem atribuir a Deus todas as perfeições, pois a sua essência a contém todas, devemos aplicar-lhe o nome de *pessoa*” (AQUINO, 2016a. p. 229). Considerando esta característica divina de ser o mais digno, o Aquinate afirma que o homem também participa dessa dignidade. Então a dignidade da *pessoa* humana existe sob a condição de ser racional (AQUINO, 2016a. p. 229).

Neste mesmo sentido, em relação ao homem, Tomás utiliza da definição de Boécio sobre *pessoa*, na qual ele discorre sobre a acertada definição:

*Pessoa* é uma substância individual de natureza racional. [...] entre as outras substâncias, os indivíduos de substância racional têm certo nome especial, a saber, o

de pessoa. E por isso, à predita definição de pessoa, acrescenta-se substância individual, para significar o singular no gênero de substância; e acrescenta-se mais – de natureza racional, para exprimir o singular na ordem das substâncias racionais (AQUINO, 2016a. p 225).

Karol Wojtyła (2016a. p, 16) explica a definição de “pessoa” dada por Boécio apresentando a pessoa humana como um ser superior aos outros criados, dotado de razão e único, conforme descrito a seguir:

A pessoa, pelo fato de ser um indivíduo de natureza racional, isto é, um indivíduo em que a razão faz parte da natureza, é ao mesmo tempo, no mundo dos seres, um sujeito único no seu gênero, inteiramente diferente do que são, por exemplo, os animais, seres relativamente mais próximos do homem pela sua constituição física, sobretudo alguns deles.

Para Tomás, é nas substâncias racionais que se pode observar autonomia em seus atos, ou seja, além de possuir uma alma racional, a pessoa por ter a capacidade de entender, pode dominar ou controlar sua conduta e não agir conforme os seus instintos (FERREIRA FILHO, 2016. p. 52). Assim sendo, o homem é capaz de agir contra a própria natureza, caso necessário.

Para Karol Wojtyła (2016a. p, 15), há um abismo entre o mundo das pessoas e o mundo das coisas, pois “o homem é objetivamente “alguém”, e isto é o que distingue dos outros seres do mundo visível, que, da sua parte, objetivamente, são sempre qualquer “coisa””. Nota-se aí, no pensamento personalista de Wojtyła, um embasamento tomista acerca da pessoa humana.

Ainda segundo o personalista (WOJTYLA, 2016a. p, 15), o mundo em que vivemos é composto de pessoas e de coisas. Ele considera os seres sem vida, ou seja, os objetos inanimados como “coisa”. Contudo, mesmo afirmando que um animal irracional não é uma coisa, ele não diz que se trata de uma “pessoa animal”, pelo contrário, trata-o como “indivíduo animal”.

No que se refere ao homem, Wojtyła (2016a. p, 16) o chama de “pessoa”, pois esta pessoa não está encerrada na noção de “indivíduo da espécie”. Ele está além. Há uma “plenitude e uma perfeição de ser particulares, que não se podem exprimir se não empregando a palavra “pessoa””.

E dando continuidade a esse raciocínio, Mondin descreve acerca do homem enquanto pessoa, no qual mostra a diferença nítida que há no homem em relação as plantas e aos animais:

[...]é pessoa porque é dotado de um modo de ser que supera nitidamente o modo de ser das plantas e dos animais e isso foi evidenciado amplamente tanto na parte fenomenológica, examinando as várias dimensões do homem, como na parte metafísica, estudando a estrutura ontológica” (MONDIN, 1980. p. 296).

O respeito que se tem pelas outras pessoas passa no reconhecimento da própria dignidade e, por isso, no trato com os outros, deve-se comportar-se “de acordo com a altura de

sua dignidade”. Desse modo, as pessoas precisam ser reconhecidas como pessoas concretas, que possui uma identidade própria, que são diferentes umas das outras, que possui uma história, que está em determinada situação, que possui cultura. Por isso, não se deve trocar o nome de uma pessoa por um número, nem aviltar a sua liberdade de manifestar aquilo de que é convicto, de falar sua própria língua, etc (STORK & ECHEVARRÍA, 2016. p. 72). As pessoas devem ser tratadas nos seus termos.

Nota-se dentro desse pensamento de Tomás o quão complexo o homem é em relação às outras criaturas e é isso que faz dele um ser superior. Pois, não se trata apenas de existir ou de ter vida, mas sim das capacidades que o homem possui graças ao seu intelecto e que faz dele um ser único e superior dentre todos os outros presentes no mundo visível.

#### **4. DIGNIDADE AMEAÇADA**

Como foi descrito nos capítulos anteriores, a pessoa humana possui uma dignidade ímpar, graças a seu intelecto que dá aos homens essa superioridade. E essa dignidade não está somente acima dos animais e das plantas, mas sobre qualquer ser existente no mundo sensível. E ela pode ser ameaçada de diversas maneiras. Também foi destacado no presente trabalho o termo *pessoa*, que dá ao homem uma característica própria, única e que também mostra a sua dignidade. O sujeito que provoca essa diminuição da dignidade humana é o próprio homem, em suas relações.

Segundo Pinheiro (1964. p. 21), o homem é um “ser de relação e de expressão”, ou seja, o homem não pode viver só. Em toda a história da humanidade, o homem criou grupos, meios de comunicação e de transporte, dentre tantas outras coisas. E essas habilidades fizeram com que o homem chegasse em todos os cantos da terra, e ligado a isso tudo, sempre esteve presente a relação com seus semelhantes. Isso mostra quão necessária é a vida social do homem, como essa habilidade/necessidade o levou a construir tantas coisas e também o levou a tantos lugares.

Nesse mundo de relações, a atual sociedade possui muitos traços positivos, porém, existem também traços negativos. Pode-se dizer a respeito dos traços positivos: o desenvolvimento científico, o aperfeiçoamento tecnológico, a diminuição da miséria, a globalização dos mercados, aumento de oportunidades (STORK & ECHEVARRÍA, 2016. p. 206). Mas, é possível também observar traços preocupantes que segundo Alejandro Llano (Apud STORK & ECHEVARRÍA, 2016. p. 207) traz uma profunda despersonalização: “é um sistema anônimo, formado por sistemas anônimos, frente os quais os indivíduos não são reconhecidos como pessoas singulares”. As pessoas são chamadas de clientes, pacientes,

pedestres, números de estatística e isso evidencia a perda da essência do homem. Mostra que o homem enxerga o outro não como seu semelhante, mas como um instrumento.

Nesse raciocínio, o homem deixa de ser pessoa e passa a ser uma função. E quando isso acontece, o importante não é quem faz uma determinada ação, mas que ela seja realizada, independente de quem a faça. E isso se chama *funcionalismo*. Nele a pessoa perde sua liberdade: “Você só é alguém na medida em que tem um desempenho, um papel na sociedade, e ao tê-lo não mais que o que esse papel lhe impõe que seja”. No funcionalismo, a pessoa tem a sua liberdade suprimida, pois a sua função é o que a condiciona (STORK & ECHEVARRÍA, 2016. p. 208).

Diminuindo a pessoa somente se ela consegue ter uma função ou produzir algo, cai-se no subjetivismo que, segundo Paulo César da Silva (2005. p. 113), fez com que se entendesse que o ser humano é possuidor de direitos somente se tiver “um mínimo de autonomia e que não depende inteiramente de outros seres humanos”. Dessa forma, o nascituro, o doente que se encontra em estágio terminal não são, segundo esse pensamento subjetivista, um ser provido de dignidade.

Emmanuel Mounier (2004. p. 78) a respeito desse subjetivismo diz que “para o Cristão, não há nem cidadão nem bárbaro, nem senhor nem escravo, nem judeus nem pagãos, nem brancos, nem negros, nem amarelos, mas todos são homens a imagem de Deus” e conclui acerca do cristianismo “um homem, mesmo diferente, mesmo degradado, é sempre um homem, a quem devemos permitir que viva como um homem”.

Mas desde o início da história, os homens estão vivendo entre guerra e paz. A relação entre as pessoas nem sempre é prazerosa. Porém, todos os desafios da convivência é uma “provocação à luta, à adaptação”, pois assim, o homem é convidado a ir além de si mesmo e encontrar o outro. Mas algumas pessoas decidem, como forma de se autodefenderem, se afastar e esquecer a figura do seu semelhante (MOUNIER, 2004. p. 60). Todavia, é no encontro com outro que eclode a mais valorosa experiência de me encontrar no outro e perceber que ele não é meu adversário, mas meu companheiro no processo de descoberta daquilo que é demasiado humano.

Segundo Stork & Echevarría (2016, p. 203), é característico da modernidade uma tendência a considerar a sociedade como um agrupamento de indivíduos autônomos. E essa autonomia pode levar o homem ao individualismo e ao egoísmo. Entende-se por egoísmo a “atitude de não dar quando se pode dar”. Já o individualismo é um modo de viver “que não compartilha, que não dialoga e nem aceita ajudar ou realizar tarefas comuns, porque considera que o homem é autossuficiente e não necessita dos demais”.

O individualismo tem o poder de estabelecer um dualismo. Trata-se de uma separação entre aquilo que é íntimo e aquilo que é compartilhável. Aparecendo assim, uma vida verdadeira que se dá no privado que são os gostos pessoais, a vida em família, os hobbies; e uma vida pública, na qual o homem precisa encarar com o inevitável, o trabalho, impostos, filas, chateações. Essas duas esferas, a pública e a privada, estão completamente separadas. O individualismo não permite que o comum e os valores possam ser públicos. E aquilo que é comum, no individualismo, só ocorre na esfera privada. Assim, as pessoas acabam se fechando em si mesmas (STORK & ECHEVARRÍA, 2016. p. 203).

Segundo Paulo César da Silva (2005. p. 116), na sociedade atual, o *ter* está acima do *ser* e, por isso, cresce o materialismo prático. O termo *qualidade de vida* está limitado ao bem estar físico, econômico, ao poder de compra, à beleza e ao prazer. Com isso, busca-se a eliminação do sofrimento que é utilizado como máscara para justificar crimes contra a pessoa humana. Daí, o homem se percebe ameaçado pelo ódio, pela violência, pela miséria, pela exploração e a instrumentalização da pessoa para fins sexuais, dentre outros.

Filósofos como Hobbes, Hume e Bentham defendiam uma ética utilitarista que pregava “a maximização do prazer e a minimização da dor”. Isso quer dizer que para uma ação ser válida deve-se obter o máximo de prazer possível e o mínimo de dor. O problema é que tudo pode ser inserido a essa ética, inclusive pessoas, ou seja, se eliminar uma pessoa maximiza-se o prazer e minimiza-se a dor, o ato deve ser feito (BURGOS, 2018. p. 21).

Nesse contexto de autodefesa, algumas pessoas querem fazer de outras seu objeto, utilizando-as para seu próprio bem de modo egoísta (MOUNIER, 2004. p. 60). Esse fato é muito evidente na sociedade atual, na qual há uma inversão de valores que faz com que as pessoas sejam usadas e as coisas sejam amadas.

Nesse mesmo sentido, Paulo César da Silva (2005. p. 128) diz que a instrumentalização do homem violenta a sua natureza, seu valor e dignidade, o que faz com que dificulte ou impeça sua realização como pessoa. Portanto, a pessoa possui um fim em si mesma e sua dignidade é intrínseca a si. E conseqüentemente não pode ser meio para o fim de outra pessoa, pois isso seria coisificá-la. O homem é um fim em si mesmo.

E esse relacionamento humano ocorre de forma contratual, que são livremente aceitos e livremente rescindidos. Já não há mais espaço para a honra, para a palavra dada, para a ação solidária desinteressada. Até mesmo as relações como o matrimônio, o amor e o sexo são contratuais. E esse contrato só dura enquanto há interesse do indivíduo sobre ele (STORK & ECHEVARRÍA, 2016. p. 204).

Visto isso, pode-se chamar esse comportamento de Individualismo. O individualismo, segundo Mounier (2004. p. 61), “é um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa”. Dentro deste pensamento, o homem é seu próprio deus e não precisa se vincular a ninguém, tendo um olhar de desconfiança sobre o outro, ou seja, não enxerga o outro como sendo seu semelhante, mas como um ser inferior.

Há uma visão fragmentada do homem, segundo Paulo César da Silva (2005. p. 112), e essa fragmentação é fruto da contribuição do individualismo e das ciências humanas. O reducionismo que se apresenta de diversas formas, mostra hoje, o quão distante da própria realidade o homem está. Diríamos, distante da realidade mais realíssima que é ele mesmo.

Não se pode reduzir a pessoa humana a indivíduo. A pessoa possui uma interioridade que é inexistente até nos animais mais perfeitos. Por isso, o nome pessoa quer expressar uma perfeição ontológica, própria do ser humano, ou seja, possui espiritualidade, consciência, liberdade, vontade, capacidade de auto transcendência, dentre outras capacidades que lhe são próprias. Então, se a pessoa for reduzida a objeto estará sendo colocada a um patamar ontológico inferior, caracterizando essa pessoa como coisa e instrumento (SILVA, 2005. p. 128).

E se tratando de colocar a pessoa em um patamar inferior, segundo Azuá (2020), o individualismo, juntamente com o consumismo e a cibercomunicação fez com que surgisse uma nova tendência na relação que os homens mantêm com seres inferiores a eles. Nesta relação estudada por Azuá, especificamente com cachorros, o homem os trata de forma equivalente às crianças.

A interação com os animais é algo comum ao homem, que começou a se relacionar com os cachorros quando passaram a compartilhar atividades como a caça de outros animais, alimento, além do mesmo território. Porém, com o passar dos anos, a partir da década de 1980, o cachorro passou a ser comercializado e com isso outros objetos para o animal foram agregados a esse comércio (AZUÁ, 2020).

Nesse sentido, não é difícil encontrar pessoas que denominam seus animais de estimação como *filhos*, oferecendo a esses animais tratamentos semelhantes ou iguais a pessoas (AZUÁ, 2020). Essa relação específica aqui colocada é somente um exemplo do que o homem pode fazer nas suas relações com outros seres, com isso, evidentemente, o homem pode estabelecer vínculos com qualquer outra criatura inferior a ele.

Dentro dessa hierarquia dos seres trabalhadas até aqui, os animais e as coisas também possuem seu próprio valor. Por exemplo, os animais sentem dores, e por esse motivo não podem

ser tratados como seres inanimados. Contudo, eles não são pessoas e, assim, em determinadas situações, podem ser instrumentalizados. O ser humano, de fato, se serve dos animais para “satisfazer o seu instinto de autoconservação”, o que é lícito. Ilícito, no caso, é fazer isso em relação às pessoas, ou seja, nunca se deve se servir das pessoas como instrumento para se chegar a outros fins (MERECKI, 2014. p. 167).

Por isso, não se deve olhar a pessoa humana como um meio para atingir um fim, como um objeto, mas sim ver o homem como ele realmente é, um ser que possui uma dignidade, uma vez que é dotado de razão, um ser que possui a mesma dignidade das outras pessoas. Com isso, deve-se enxergar a pessoa para conhecê-la e compreendê-la. Dessa forma, pode-se chegar a soluções de problemas comuns que rondam a vida de todos os seres humanos (PINHEIRO, 1964. p. 24).

Nesse sentido de buscar uma solução para o fim desse mal que diminui o homem, Pinheiro (1964. p. 29) diz:

O avanço do homem no campo das ciências físicas e químicas, no campo das artes e da técnica, marca indubitavelmente um progresso que engrandece a espécie e que assinala uma civilização.

Entretanto, é forçoso reconhecer-se que estamos caminhando por uma estrada perigosa, que bem pode conduzir o homem a auto-destruição. Há uma preocupação constante pela vida exterior, pela vida objetiva, pelas conquistas do tempo e do espaço, nessa caminhada vertiginosa o homem esquece de si mesmo, esquece que não é uma máquina, que não é uma coisa. o homem precisa lembrar-se que é, sobretudo, um ser espiritual, cuja vida não é e nem pode ser igualada a uma máquina. O homem pensa, o homem tem ideias, o homem cria. Mas, para pensar, para ter ideias e para criar, o homem precisa compreender-se e compreender seu semelhante, não como uma máquina, mas como um ser humano, um ser espiritual, um ser dotado de vontade, de inteligência, de consciência e de livre arbítrio. A problemática atual das relações humanas reside, [...], num só problema fundamental: a compreensão do homem pelo homem.

Mas para que o individualismo desapareça, é necessário que haja um constante esforço de toda a sociedade, buscando assumir suas responsabilidades e assim agindo diferente consigo mesmo e com os outros ao seu redor. Por isso, o homem deve ter a consciência de que todos os homens são iguais e, por isso, não se pode deixar de lado aquele que não pode ter um desenvolvimento na medida de suas capacidades humanas (STORK & ECHEVARRÍA, 2016. p. 205).

A atitude pela qual se mostra respeito para com semelhante é o reconhecimento da sua dignidade, comportando-se com as pessoas na altura desta dignidade. As pessoas devem ser reconhecidas como um ser pessoal concreto, diferente das outras pessoas, que contém uma história, uma identidade, que está inserida em uma cultura própria, que é livre (STORK & ECHEVARRÍA, 2016. p. 72).

O antídoto para eliminar todo o utilitarismo, a instrumentalização da pessoa, dentre outras formas de uso é o amor, pois uma pessoa busca o mesmo bem que nós queremos. E esse bem é o que deve unir as pessoas. Essa faculdade de amar, que é inexistente nos animais, está ligada ao livre arbítrio e de forma consciente deve buscar amar o outro. Com isso, as pessoas “se devem conformar para libertar a sua conduta de todo caráter utilitário, “consumidor” das outras pessoas”. Isso pode ser utilizado em vários campos da vida humana, como por exemplo, na relação patrão-empregado, relação oficial-soldado, relação marido-mulher, dentre outras (WOJYTLA, 2016a. p. 22).

Segundo Santo Tomás, o amor tem como objeto o bem. Nos seres humanos, enquanto seres racionais, o amor passa por um juízo livre, pela vontade (2016b, p. 178). E continua, “a caridade por sua vez acrescenta ao amor uma certa perfeição, enquanto que, como o nome por si o está indicando, temos em grande preço o que amamos” (2016b, p. 180).

O Aquinate divide o amor em “amor de amizade” e “amor de concupiscência”. Para ele, aquele que ama uma coisa como boa em si mesma pratica o amor absoluto. Dessa forma, “chamamos propriamente de amigo àquele a quem queremos algum bem” (AQUINO, 2016b, p. 181). Já o amor de concupiscência o homem ama a si próprio, querendo o bem que se deseja (AQUINO, 2016b, p. 184).

A causa do amor é o bem, como fora dito. “o amor implica uma certa conaturalidade ou complacência do amante em relação ao amado; pois o bem de cada qual é o que lhe é natural e proporcionado”. Contudo, faz-se necessário conhecer o objeto a ser amado, pois somente o bem conhecido pode ser amado (AQUINO, 2016b, p. 182).

Ademais, para Santo Tomás, mesmo o amor de concupiscência quanto o amor de amizade há uma certa unidade entre o amante e o amado. Pois, para ele, quem ama deseja o bem estar do objeto desse amor. Quem ama alguém com amor de amizade, quer para o amado o mesmo bem que quer para si, assim, pode-se chamar o amado de “outro eu” (AQUINO, 2016b. p. 185). Dessa forma, “o amor intenso procura excluir tudo a que repugna”. No amor amizade busca-se o bem do amigo e, com isso, leva o amante a repelir tudo o que vai contra o bem do amado (AQUINO, 2016b. p. 189).

Assim, pode-se perceber que quando se ama alguém, quando a enxerga como pessoa na sua integridade, como um “outro eu”, o homem deseja a esta pessoa o mesmo bem que deseja a si próprio. Realizando esse processo de amar o outro como uma extensão de si próprio, toda a indiferença, preconceito, utilitarismo, funcionalismo, dentre tantos outros sentimentos e atitudes negativas se esvaem.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração tudo o que foi dito a respeito do homem, pode-se perceber toda a sua complexidade e nuances e independente de que fase da vida, da etnia, se é fisicamente debilitado, possui a mesma dignidade de qualquer outro homem dito perfeito e isso precisa ser preservado. Porém, de diferentes modos, há um pensamento de que essa dignidade pode ser relativizada.

Discursos contra a vida, como, por exemplo, o aborto e a eutanásia, estão cada vez mais em voga na política, na mídia, nas universidades, e de modo geral, trata-se de um discurso que degrada a dignidade humana. Porém, mesmo que a pessoa possua algum tipo de deficiência, ou que viva em um estágio vegetativo, ou que ainda esteja no ventre de sua mãe, isso não faz com que ela seja inferior a uma pessoa que possua saúde, capacidade intelectual ou que tenha nascido. Isso se dá pelo fato de que a dignidade da pessoa humana é o seu próprio existir, ou seja, independente do estágio de vida, da forma como se vive, a pessoa humana é dotada de uma dignidade que não pode lhe ser tirada. O mesmo acontece para as questões raciais, uma vez que o acidente<sup>7</sup> cor, por exemplo, não dá a nenhum indivíduo maior ou menor dignidade. A dignidade estar em ser pessoa humana.

Levando em consideração os aspectos mencionados sobre os seres que estão no mundo sensível, é possível observar que a filosofia aristotélico-tomista consegue apresentar o homem como sendo o ser de maior dignidade nesse plano, pois trazem em sua antropologia filosófica as características que fazem do homem esse ser superior em relação aos seres inanimados, às plantas, e até mesmo em relação aos animais mais perfeitos.

Por isso, é urgente a necessidade de se conhecer de perceber que há uma hierarquia nos seres, em que o homem está no topo e que essa dignidade precisa ser preservada, ou o contrário pode levar, inclusive, a perda de vidas humanas, pelo aborto, pela eutanásia, pelo suicídio assistido, dentre outros modos de aviltar a vida. Ou problemas como inversão de valores, nos quais, as coisas inanimadas ou até mesmo animadas têm mais valor que as pessoas. Por isso, faz-se necessário conhecer essa hierarquia existente no mundo sensível para que o homem possa amar aquilo que é superior, aquele é seu semelhante.

---

<sup>7</sup> “Os acidentes são realidades a cuja essência convém ser em outro que é seu sujeito”. Enquanto a substância subsiste, o acidente precisa de um ser para existir (ALVIRA et al, 2014. p. 68).

## 6. BIBLIOGRAFIA

ALVIRA, T., CLAVELL, L., MELENDO, T.; **Metafísica**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2014.

AQUINO, TOMÁS. **Suma Teológica**. São Paulo: Ecclesiae, 2016.

BURGOS, J. M. **Introdução ao personalismo**. São Paulo: Cultor de livros. 2018

MOUNIER, E., **O personalismo/Emmanuel Mounier**. São Paulo: Centauro, 2004.

MONDIN, BATTISTA. **O homem: quem é ele? Elementos da antropologia filosófica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

SILVA, Paulo César da. **A antropologia personalista de Karol Wojtyla (João Paulo II)**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2005.

STORK, R., Y. ECHEVARRÍA, L., A., E. **Fundamentos de Antropologia: Um ideal de excelência humana**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Llull), 2005.

REALE, G., ANTIRESE, D.; **História da Filosofia: Patrística e Escolástica, V. 2**. São Paulo: Paulus, 2003.

ROUSSELOT, Pierre. **A teoria da inteligência segundo Tomás de Aquino**. Tradução: Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1999.

MERECKI, J., SDS. **Corpo e transcendência: A antropologia filosófica na Teologia do Corpo de São João Paulo II**. Tradução: D. Hugo C. da S. Cavalcante, OSB e Pe. Valdir Manuel dos Santos Filhos, SCJ. Brasília: Edições CNBB. 2014.

PINHEIRO, A., M.; **Caminhos do homem: Compêndio da psicologia social**. Rio de Janeiro: Campanha Brasileira de Artes Gráficas. 1964.

WOJTYLA, K. **Amor e Responsabilidade**. São Paulo: Cultor de Livros, 2016.

WOJTYLA, K. **Teologia do corpo: o amor humano no plano divino**. São Paulo: CEDET, 2014.